



Jornalismo e gênero: o caso de uma disciplina construída coletivamente

Melina de la Barrera Ayres¹

Daiane Bertasso²

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Resumo: O objetivo deste artigo é refletir a respeito da construção coletiva e produção dialógica da disciplina *Jornalismo e Gênero* no Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e como essa proposta pedagógica tem repercutido no cotidiano e nas vivências do curso. Trata-se de um recorte de estudo de caso, em que a amostra é composta pelas cinco ofertas da disciplina, de 2016 até 2019, e a análise se dá por meio de documentos, entrevistas abertas com docentes e discentes da disciplina, e observação participante. A partir desse recorte do caso da disciplina *Jornalismo e Gênero* avaliamos, dentre outros aspectos, que a construção coletiva e dialógica, somada à vontade política das pessoas envolvidas, gera a mudança e a transformação tão necessária para revigorar o Jornalismo, tanto no ensino, na pesquisa e na extensão quanto na atuação profissional.

Palavras-chave: Jornalismo; Gênero; Ensino superior; Disciplina; Graduação em Jornalismo.

1. Introdução

Os anos 2013, 2014, 2015, marcaram a história do Brasil no que tange as vivências feministas e da diversidade. Em 2013, jovens se uniram no que inicialmente foi o movimento passe livre, e tomam as ruas reclamando direitos, “[...] mostraram que podiam ter voz sem a mediação de representantes políticos” (BOGADO, 2018, p. 27). Entre

¹ Professora Adjunta no Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora Interdisciplinar em Ciências Humanas, na área de Gênero (UFSC, 2005), Mestra em Jornalismo (UFSC, 2009). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa do CNPq Jornalismo e Conhecimento (UFSC). E-mail: melina.ayres@gmail.com

² Professora Adjunta no Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professora permanente no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR-UFSC). Pesquisadora nos Grupos de Pesquisa do CNPq Jornalismo, Cultura e Sociedade (UFSC) e Transverso: estudos em jornalismo, interesse público e crítica (UFSC). E-mail: daianebertasso@gmail.com.

2014 e 2015 ocorrem, no país e no mundo, marchas, mobilizações, e formação de coletivos, em busca de contestar a ordem social disposta, em busca de mudanças. Esse período é conhecido como “Primavera feminista” ou “Primavera das mulheres” (BOGADO, 2018). Estas reivindicações se fizeram presentes em diversos espaços: nas ruas, nas escolas, nas universidades, na internet.

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e mais especificamente o Curso de Jornalismo, não passou por esse momento alheio a este movimento. De acordo com Guzzo e Wolff (2017), entre 2014 e 2015 foram criados quatro coletivos dentro da instituição: Coletivo DiGA (Diversidade, Gênero e Afirmação, reunindo vários cursos do Centro Tecnológico/CTC), Coletivo Migre (Minorias e Gênero em Relações Internacionais/CSE), Coletivo MUPsi (Coletivo Mulheres Unidas da Psicologia/CFH) e Coletivo Jornalismo sem Machismo (do Curso de Jornalismo). A criação deste último foi central para o início do debate formal sobre gênero e diversidade no Departamento de Jornalismo, que culmina com a formalização da disciplina *Jornalismo e Gênero* em 2016.

Em 2014, alunas no Curso de Jornalismo decidiram realizar reuniões para compartilhar e debater sobre vivências de opressão, dentro e fora do curso. Para Clarissa Levy (entrevista cedida a Melina Ayres. Florianópolis, 3 de julho de 2019³), as conversas eram um espaço seguro para o “desabafo”, onde se refletia sobre as vivências das estudantes, e também se pensava sobre o lugar das mulheres no Jornalismo. Dos encontros se formalizou o coletivo *Jornalismo sem Machismo*.

Leila Haddad Antunes, aluna do curso à época e integrante do coletivo, lembra que a primeira ação realizada pelo grupo foi a confecção de cartazes com dizeres ofensivos vindos de alunos e professores, ouvidos por elas nos diferentes espaços do curso (entrevista cedida a Melina Ayres. Florianópolis, 6 de maio de 2019⁴). Entre as frases coladas pelos corredores estavam: “Essa pauta é perigosa demais para uma mulher” e “mulher tem uma inocência útil”. Outra situação pontual que marcou a história do curso na época foi o “levante” contra um professor que tinha atitudes machistas e homofóbicas. Em um dia de aula, uma desavença com um aluno devido à quantidade de caracte-

³ Nas próximas referências vamos usar a informação “entrevista”.

⁴ Nas próximas citações usaremos somente a informação “entrevista”.

res de uma matéria, derivou em uma mobilização coletiva das alunas e alunos que “exigiam respeito”.

O professor estava caminhando pelo corredor e tinham frases dele penduradas nas paredes. Era um momento muito tenso no curso. Um dia, tinha uma turma que estava tendo aula com ele, uma turma em que muitos dos meninos eram gays, eram da política, eram articulados; e muitas das meninas integravam o coletivo. Era um fim de semestre tenso. Ele costumava dar notas para o trabalho tipo -18, -25, ‘é tão ruim que é -30’. [...] o professor começou a gritar coisas desagradáveis e com carga de homofobia para o aluno. E esse aluno saiu da sala chorando. Saíram outros na sequência e se reuniram no CALJ (Centro Acadêmico Livre de Jornalismo). Os alunos estavam putos! Depois de ouvir no semestre inteiro ‘Essa capa tá muito escura’, a foto era de uma pessoa negra. -15, -25! Os alunos pegaram tambores, se juntou uma galera que brotou. Entraram no departamento de Jornalismo. Entramos! Cantávamos coisas como, não era só um ‘fora professor X’, era ‘quero respeito’. Foi muito espontâneo! Esse foi um movimento de umas 25 pessoas. A gente passou pelo departamento inteiro e os professores abriam as portas das salas para entender o que acontecia. Subimos no segundo andar do CCE (Centro de Comunicação e Expressão), continuamos gritando contra a opressão, contra o assédio de professores. Descemos e o CUN (Conselho Universitário) estava reunido no auditório do CCE [...]. Então negociamos com o CUN que teríamos uma fala naquele momento, para fazer uma denúncia. Outra galera que não percebeu que a gente tinha negociado isso, e que tava com sangue no olho, entrou por outra porta. Essas pessoas entram no CUN, com falas gritando contra o professor X do departamento de Jornalismo (LEVY, 3 de julho de 2019, entrevista).

Após o ocorrido, professores de diversas disciplinas abriram espaços para debates e as alunas do Coletivo solicitaram ao departamento a criação de uma disciplina que abordasse *Jornalismo e Gênero*. Para apresentar seus argumentos analisaram os planos de ensino de todas as disciplinas do novo currículo do Curso, que começaria em 2015, e mostraram a falta de referências bibliográficas femininas nesses planos. Assim, em 2015, iniciou-se o processo de criação da disciplina com essas ações por parte das estudantes. A disciplina foi oferecida como optativa, no primeiro semestre de 2016. O docente foi o professor Carlos Locatelli, que na época era Chefe do Departamento. Desse momento até agora a disciplina foi ofertada em seis semestres (2016.1, 2017.1, 2018.1, 2018.2, 2019.1, como optativa) e em 2020.1 passou a ser disciplina obrigatória do curso, já na primeira fase, com o nome *Jornalismo, Identidade, Diversidade e Gênero*, pela necessidade de modificação de código para matrículas.

Partindo desta contextualização, o objetivo deste artigo é refletir a respeito da construção coletiva e produção dialógica da disciplina *Jornalismo e Gênero* no Curso

de Jornalismo da UFSC e como essa proposta pedagógica tem repercutido no cotidiano e nas vivências do curso. Este é o recorte de um estudo de caso único (YIN, 2005), estando a amostra composta pelas cinco ofertas da disciplina, de 2016 até 2019. A análise de cunho qualitativo parte de análise documental (MOREIRA, 2008) em planos de ensino e materiais didáticos utilizados na disciplina, entrevistas abertas (MINAYO, 1996) com docentes e discentes da disciplina, e observação participante (QUANDT, 2008), visto que uma das autoras foi docente da disciplina (Daiane Bertasso) e a outra (Melina Ayres) participou da primeira oferta da disciplina auxiliando o professor Carlos Locatelli e vivenciando as mudanças no curso nos semestres decorrentes da primeira oferta.

2. Jornalismo e Gênero uma disciplina em constante construção

Antes de iniciar a análise propriamente dita é preciso fazer alguns apontamentos: primeiro, o curso de Jornalismo da UFSC junto ao curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)⁵, são os únicos cursos de universidades públicas federais a oferecer disciplinas voltadas especificamente para esta discussão (AYRES, 2018). Em segundo lugar, as questões de gênero estiverem presentes ao longo dos 40 anos de trajetória do curso de Jornalismo da UFSC. Contudo, segundo o professor Locatelli (entrevista cedida a Melina Ayres. Florianópolis, 15 de julho de 2020⁶), muitas vezes vinculadas a interesses pessoais de alguns docentes que traziam as discussões de maneira transversal em suas aulas. Há, ainda, registro de que entre 1990 e 1997, a professora Sônia Maluf ministrou as disciplinas *Tópicos Especiais em Comunicação: Feminino e Masculino-Imagens e Narrativas* e *Tópicos Especiais em Comunicação: Comunicação e Relações de Gênero*. Desse modo, a disciplina *Jornalismo e Gênero* não foi a primeira a abordar a questão no curso de Jornalismo da UFSC. Mas foi a primeira vez a ser ofertada a partir de uma perspectiva político-pedagógica expressa, documentada e formalizada com Programa e Plano de Ensino.

Deste modo, o que se gestou a partir de 2014 foi uma mudança na cultura institucional no Departamento de Jornalismo da UFSC. De acordo com Locatelli, “Sempre

⁵ No Curso de Jornalismo da UFRN é ofertada a disciplina Comunicação e relações de gênero.

⁶ Nas próximas referências vamos usar a informação somente “entrevista”.

foi um curso feminino nos alunos [alunas], masculino nos professores e masculino na hegemonia. Os professores, via de regra os másculos, sempre tinham a ascendência sobre todas as coisas” (2020, entrevista). O pensar e fazer masculinista do jornalismo é explorado por Márcia Veiga da Silva (2014, 2015) que avalia que “a partir de um paradigma (moderno/colonial/positivista), de um sistema-mundo (capitalista, masculinista, racista, heterossexista, ocidentalista, etc.) e de uma epistemologia hegemônicas que se estabeleceriam alguns valores que estão presentes nos saberes produzidos para que sejam entendidos como verdade” (VEIGA DA SILVA, 2015, p. 41). Por essa razão, alguns valores paradigmáticos do jornalismo, como objetividade, neutralidade e universalidade permanecem sendo perpetuados nos saberes e fazeres da profissão, sendo que as perspectivas feministas e os estudos de gênero questionam essas práticas e essas “verdades”, propondo um olhar mais diversificado e plural, que considere outras práticas e sujeitos/as até então silenciados/as e invisibilizados/as (como mulheres, pobres, negros/as, homossexuais, transexuais, pessoas com deficiência, etc.). Essa perspectiva masculinista é reconhecida pela autora nos processos de produção e nos produtos noticiosos e também podem ser reconhecidas no ensino do Jornalismo.

Como já referimos na introdução, a primeira oferta da disciplina *Jornalismo e Gênero* no Curso de Jornalismo da UFSC se deu no primeiro semestre de 2016, por ocasião, em especial, da pressão das estudantes mulheres do curso que integravam o *Coletivo Jornalismo Sem Machismo*. Conforme destaca o professor Locatelli (2020, entrevista):

Foi um momento de uma enorme trajetória política que as mulheres do curso, inseridas no contexto das lutas das mulheres da universidade, das mulheres de Santa Catarina, das mulheres do Brasil e das mulheres do mundo, trouxeram uma discussão que era a discussão daquele momento histórico para dentro da nossa instituição.

Entre as reivindicações das estudantes estava a incorporação nas bibliografias de referência, nas distintas disciplinas do curso, de autoras mulheres, negros e negras, e a necessidade de formalização de um espaço para as discussões sobre a responsabilidade do jornalismo em suas narrativas que, por vezes, produzem e reproduzem perspectivas machistas, sexistas e misóginas. Já fazia alguns semestres que, quando consultados/as sobre sugestões de disciplinas a ser ministradas, as e os estudantes do Curso manifesta-

vam seu interesse por estas discussões. Contudo, conforme destaca Locatelli, não havia no corpo docente daquele momento, interessados/as em ministrar uma disciplina com esta perspectiva. “Não é possível Locatelli! Não é possível nós não termos essa disciplina mais uma vez! Não é possível 60 pessoas querer isso e não ter!”. Naquele momento eu não era apenas o Chefe, eu era uma pessoa que já estava percebendo algo muito positivo” (LOCATELLI, 2020, entrevista), lembra o professor do momento em que decidiu assumir a disciplina, mesmo sem ter um conhecimento específico na área. Sobre o fato de ter um homem, e um docente sem especialização na área, conduzindo a primeira oferta da disciplina, Clarissa Levy afirma que não foi um problema.

Nós queríamos fazer a disciplina acontecer. Ele era a pessoa que ia fazer a disciplina acontecer. E ele era a parte pro forma burocrática. Naquele momento era importante a chefia do departamento fazer isso e a gente não tinha proximidade com nenhuma professora [...] Não que algumas professoras não achassem legal o que nós estávamos fazendo, mas não tínhamos uma proximidade (LEVY, 2019, entrevista).

As estudantes buscavam uma disciplina que permitisse a discussão, o diálogo e a mudança nas relações entre os integrantes da comunidade acadêmica dentro do próprio Curso de Jornalismo (BERTASSO; NASCIMENTO; GUSTAFSON, 2020). No dizer de Locatelli, “elas tiraram os professores da zona de conforto. Elas questionaram o púlpito [...] o que foi decisivo na construção da disciplina” (2020, entrevista).

Na primeira oferta, a disciplina teve como pré-requisito que os/as estudantes tivessem cursado até a quarta fase. Houve 43 matriculados, dos quais 12 alunos e 31 alunas. “Isso foi o que limitou o número de matriculados, senão ia ter 120! Era um momento revolucionário [...] Todo mundo queria fazer [a disciplina]”, recorda Locatelli (2020, entrevista).

Nessa oferta a disciplina não possuía um plano de ensino formalizado, tendo sido elaborado de forma conjunta pelas estudantes do curso e o professor, com o intuito de discutir o Jornalismo a partir da perspectiva de gênero. Assim, o Locatelli consultou especialistas da UFSC e de outras instituições, e convidou várias delas a apresentar e guiar as discussões da maioria das aulas. A disciplina contou ainda com a participação de uma Pós-Doutoranda (na época) do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (Me-

lina Ayres), que tem Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas na área de gênero.

A disciplina concluiu sem que houvesse nenhuma desistência por parte do/as alunos/as. O desafio assumido pelo docente foi em suas palavras “[...] a experiência pedagógica mais marcante de toda a minha carreira profissional” (LOCATELLI, 2020, entrevista). Ao concluir a primeira oferta foi realizado um questionário onde estudantes avaliaram a proposta, o cronograma, as referências. Estas informações serviram de embasamento para a seguinte oferta da disciplina, em 2017.1.

Bertasso, Nascimento e Gustafson (2020) contam um pouco da experiência que tiveram na docência compartilhada da disciplina no semestre de 2017.1, semestre este em que a disciplina foi ofertada com base em um plano de ensino construído coletivamente durante o segundo semestre de 2016, após a primeira oferta da disciplina. Uma das ferramentas utilizadas pelo grupo que elaborou o primeiro Plano de Ensino formal da disciplina foi o questionário realizado com os/as estudantes que participaram da primeira oferta da disciplina. A pesquisa questionava sobre o formato das aulas -com uma professora diferente a cada encontro (estilo palestra), sobre a falta de textos para leitura prévia, sobre relevância ou repetição nos temas debatidos, etc.. A maioria dos respondentes avaliou positivamente o formato e os temas, mas sentiu falta de uma estruturação da ordem dos conteúdos e de leituras básicas (BERTASSO; NASCIMENTO; GUSTAFSON, 2020).

Conforme contam as autoras, a construção do Plano de Ensino da disciplina ocorreu a partir do encontro de mulheres feministas e pesquisadoras do campo da Comunicação Social e do Jornalismo que trouxeram diferentes experiências e contribuições: Daiane Bertasso (professora Departamento de Jornalismo da UFSC, iniciante nos estudos de gênero); Fernanda Nascimento (na época doutoranda do PPG Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC e feminista militante); Jessica Gustafson (na época mestranda no PPG em Jornalismo da UFSC e feminista militante); Silvia Mendes (na época professora substituta no curso de Jornalismo da UFSC); e as estudantes do curso e representantes do *Coletivo Jornalismo Sem Machismo* Aline Ramalho e Manoela dos Santos Bonaldo. Foram realizados cerca de cinco encontros e trocas entre a professora que iria assumir a disciplina em 2017.1, juntamente com as estagiárias de docência

(mestranda e doutorandas na época) e as estudantes do Curso, em que foram elaborados os objetivos e os conteúdos da disciplina e consolidado o Plano de Ensino para as aulas de *Jornalismo e Gênero* (BERTASSO; NASCIMENTO; GUSTAFSON, 2020).

Esse grupo de mulheres (BERTASSO; NASCIMENTO; GUSTAFSON, 2020) considerou a necessidade de trabalhar a partir de um referencial organizado de modo mais consistente, que localiza-se o jornalismo em uma perspectiva comunicacional, prática social e cultural, sem deixar de ignorar sua contribuição na manutenção das desigualdades de gênero, raça, sexualidade, geração e etnia. Por isso, essas questões foram propostas a partir do desenvolvimento de três módulos, com os seguintes conceitos, temas e autores (as) principais:

(1) *Gênero, cultura, linguagem e poder*: desenvolvido com os temas: - Identidade, diferença e desigualdades; - Teorias de gênero; - Práticas culturais e discursivas que evidenciam relações de gênero e relações de poder. Neste módulo foram trabalhados com autores (as) como Stuart Hall (2005); Guacira Louro (2008); Donna Haraway (1995); Joan Scott (1995); Michel Foucault (2008); dentre outros (as).

(2) *Gênero e interseccionalidades*: desenvolvido com os temas: - Movimentos Feministas; - Gênero e sexualidade; - Gênero, raça, classe, etnia e geração; - Masculinidades e identidades trans. A partir de autores (as) como: Betty Friedan (1971); Gayle Rubin (2003); Angela Davis (2016); Kimberle Crenshaw (2004); Adriana Piscitelli (2008); Berenice Bento (2008); Judith Butler (2003), dentre outros (as).

(3) *Representações de gênero, mídia e jornalismo*: em que tratou as seguintes questões: - Representações de gênero nas mídias; - Questões de gênero abordadas pelo jornalismo; - Resistências e transgressões na perspectiva de gêneros em comunicação e jornalismo. Com base em autores (as) como: Rosa Maria Bueno Fischer (2002); Dulcília Buitoni (2009); Márcia Veiga da Silva (2014); Larissa Pelúcio (2012); dentre outros (as).

Cabe observar que no desenvolvimento desse Plano de Ensino no semestre 2017.1 houve a necessidade de algumas adaptações no meio do semestre em relação às exigências de leituras, resultado da postura de permanente diálogo adotada pelas docentes junto à turma. Percebendo que a maioria dos/as estudantes não conseguia ler todos os textos definidos para as aulas, em função da carga horária de outras disciplinas e a

realização de estágios, as docentes (BERTASSO; NASCIMENTO; GUSTAFSON, 2020) repensaram a proposta, conjuntamente com os/as estudantes, limitando a um texto obrigatório por aula, resultando também no diálogo sobre a responsabilidade compartilhada do aprendizado.

3. O cotidiano das aulas: metodologias, dinâmicas e discussões teóricas complexas

O desafio de lecionar uma disciplina de *Jornalismo e Gênero* se estende à metodologia de ensino, pois, a partir da proposta dos Estudos de Gênero, o ensino implica na implantação de práticas pedagógicas humanizantes e igualitárias (BRAGAGNOLO; BARBOSA, 2015). O processo de ensino-aprendizagem é entendido como “um *locus* em que cada grupo cria e recria metodologias de ação” (BRAGAG-NOLO; BARBOSA, 2015, p. 124).

Além da concepção de criação conjunta, a perspectiva feminista discute, desde a segunda onda, iniciada em 1970, a produção de saber, fundamentalmente aquele que se embasa nas premissas da ciência moderna, como coloca Donna Haraway (1995) ao falar dos “saberes localizados” – elucidados pelo feminismo que questiona a ciência pretensamente neutra, objetiva e universal. Partindo deste entendimento, o aprendizado também está vinculado às vivências do corpo, e está enraizado em um tempo e lugar. Cada professor/a e cada aluno/a parte de seu corpo, suas vivências e seu repertório no processo de ensino aprendizagem. Esta é uma das proposições da epistemologia feminista, que busca que a produção de conhecimento esteja apoiada nas experiências cotidianas.

Esta premissa feminista vai ao encontro da proposta pedagógica progressista amplamente divulgada por Paulo Freire. Para o autor, “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2011, p. 24). Assim, na primeira oferta da disciplina, o professor Locatelli, buscou se colocar na função de mediador. “Eu lia os textos junto com eles, porque eu não conhecia. Eram seminários. Eu era um participante especializado que atuava em duas frentes: a da provocação e discussão, e a da mediação de conflitos”. (LOCATELLI, 2020, entrevista).

Os debates conduziam, nas palavras do docente, “ao exergamento de si mesmo”. Nas discussões afloravam as emoções, os constrangimentos, as violências vivenciadas: “foi a única vez que isso aconteceu na minha vida profissional [...] Eu agi de maneira bastante intuitiva, bastante prudente, no sentido de encaminhar aquilo sempre para algum tipo de discussão sobre o trabalho jornalístico, o fazer jornalístico” (LOCATELLI, 2020, entrevista). Deste modo, eram colocados no processo de aprendizagem as experiências, vivências e os saberes de todos (FREIRE, 2011).

Ao refletir sobre a experiência Clarissa Levy conta que

[...] Foi assim que começamos a questionar, por exemplo, alguns padrões da TV e surgiram vários relatos de meninas que não estavam nem conseguindo aproveitar a disciplina de TV, que elas tanto adoravam, porque simplesmente elas tinham o cabelo X e tiveram que ouvir um comentário Y. Ou não se enquadravam ou sabiam que nunca iam ser convidadas para serem as apresentadoras porque elas não se enquadravam naquele padrão (2019, entrevista).

A partir da edição de 2017.1, em que houve a elaboração do Plano de Ensino da disciplina de modo formal, a metodologia das aulas sempre previu a leitura prévia dos textos e o debate, inclusive em todas as aulas os/as participantes estavam dispostos/as em círculo, para facilitar o diálogo. Além dessa perspectiva dialógica, em todas as edições da disciplina estavam previstas a realização de dinâmicas, a participação de convidados/as, assim como a participação dos/as estudantes com análises de produtos culturais, midiáticos e/ou jornalísticos.

Em relação à realização de diversas dinâmicas, tem-se um duplo intuito: reconhecer o saber de todos/as, partindo de suas vivências e estimular a produção de conhecimento “coparticipado” (FREIRE, 2011). Como bem destaca Freire, umas das funções da prática educativa

[...] é proporcionar as condições em que todos os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar (FREIRE, 2011, p. 42).

Deste modo, os saberes curriculares, teóricos, se fundem a aqueles adquiridos pelas experiências individuais e sociais. As dinâmicas colocam o corpo, a ação em relação aos conteúdos debatidos. Desde a oferta de 2017.1, esta proposta foi ganhando força. Assim, na primeira aula, em todas as ofertas a partir de então, realiza-se a dinâmica

“Caminhada dos privilégios”. A turma, junto às professoras, coloca-se em linha, lado a lado, e em resposta a perguntas que vão sendo realizadas avançam um passo, retrocedem um passo, ou permanecem no lugar. Entre as perguntas estão: - Se você consegue andar pelo mundo sem sentir medo de assédio sexual, dê um passo para frente; - Se você alguma vez já teve que mudar seu sotaque ou trejeitos para ganhar credibilidade, dê um passo para trás; - Se você já teve vergonha das suas roupas ou da sua casa quando crescia, dê um passo para trás, etc. Ao final da atividade, as pessoas que estavam lado a lado passam a estar distantes, as mais privilegiadas mais à frente, as menos privilegiadas, mais atrás. Ao analisar-se no conjunto e ver seu corpo em relação aos outros, os alunos começam a perceber o impacto das diferenças em seus cotidianos. Este exercício é o pontapé inicial para discussão sobre identidades, diferenças e desigualdades.

Além desta atividade, e principalmente nas primeiras aulas, constam nos Planos de ensino diversas dinâmicas. Entre elas: a “Dinâmica dos estereótipos”, a “Dinâmica do Jogo dos Sinônimos”, que junto à “Dinâmica O corpo” com o texto *Novas cartas portuguesas* de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa (1972), aparecem em todas as edições da disciplina a partir de 2017.1. A estas atividades são acrescentadas análise de produtos culturais, midiáticos e jornalísticos e exibições de audiovisuais como *She's Beautiful When She's Angry* (EUA; 2014; Direção: Mary Dore), veiculado com o intuito de debater interseccionalidades.

É interessante observar como à medida que os semestres se sucedem a quantidade de dinâmicas aumenta. No plano de ensino de 2017.1 constam três dinâmicas; em 2018.1 são quatro; em 2018.2 e 2019.2 constam seis. Essas estratégias metodológicas demonstram o esforço das docentes e estudantes em refletir sobre temas e textos teóricos complexos a partir de experiências compartilhadas no grupo em sala de aula. Isso porque refletir sobre gênero e diversidade implica na construção e desconstrução, rejeitar certos valores, preconceitos, discriminações, abandonar análises simplistas e, neste sentido as dinâmicas têm um papel central.

A perspectiva dialógica da disciplina resultou em uma metodologia de avaliação constante e processual, buscando identificar o crescimento dos/as estudantes no decorrer de cada semestre. Em todas as edições da disciplina os/as estudantes foram responsáveis por apresentar produtos culturais, midiáticos e jornalísticos que se relacionassem com as

temáticas discutidas em sala de aula. A atividade propõe o diálogo entre teoria e prática e a reflexão sobre a prática jornalística. Dentre os produtos (filmes, vídeos, reportagens em diferentes formatos etc.) há exemplos considerados positivos pela turma, que promoviam reflexões relativas às questões de gênero, raça, classe etc., e negativos, que reforçavam as hierarquias de gênero e estereótipos. Esses exercícios de reflexão auxiliaram a produção dos trabalhos finais da disciplina, que previu em algumas edições (a partir de 2017.1) o desenvolvimento de um produto jornalístico que tivesse como objetivo transgredir em relação às práticas jornalísticas hegemônicas no que se refere às questões de gênero.

4. Reflexões finais

A construção coletiva da disciplina *Jornalismo e Gênero* reflete diretamente na sua potência transformadora do cotidiano, das práticas e das relações vivenciadas no curso de Jornalismo da UFSC desde o levante liderado pelas estudantes do Curso em 2014. Dentre essas transformações destacam-se mudanças nos interesses temáticos na realização de reportagens e demais trabalhos em aula, assim como na escolha de temas para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), os quais passaram a priorizar a temática de Gênero no Jornalismo sobre diversas perspectivas.

Da atuação docente nesta disciplina destaca-se a permanente reflexão na formulação e adaptação das aulas, respondendo as discussões com os/as alunos/as e necessidades específicas de cada turma. Além disso, os estudos de gênero são um campo muito amplo que está em constante mudança, demandando permanente atualização.

A institucionalização das discussões de gênero derivou, igualmente, no desenvolvimento de diversos projetos de extensão. O curso de extensão “Gêneros, sexualidades e comunicação: desconstruindo normatividades e refletindo dissidências”⁷, desenvolvido em 2017.2 e coordenado pela professora Daiane Bertasso em parceria com pesquisadores/as de outras universidades e também integrantes na época do coletivo Gemis (Gênero, Mídia e Sexualidade) - Alisson Machado (UFSM), Dieison Marconi

⁷ Os objetivos do curso eram: discutir as questões teóricas presentes na elaboração dos conceitos de gênero, corpo e sexualidade; refletir o uso da categoria relações de gênero nas pesquisas em comunicação; debater sobre as configurações de gênero, corpo e sexualidades nos meios/veículos ou práticas midiáticas.

(UFRGS), Fernanda Nascimento (UFSC), Jessica Gustafson (UFSC), Marcia Veiga da Silva (Unisinos), Pâmela Stocker (UFRGS) e Tainan Tomazzetti (UFRGS). Com carga horária de 40 horas, teve a participação de cerca de 30 pessoas da comunidade acadêmica.

O projeto de extensão “Leitura de Jornalismo e Gênero” realizado no segundo semestre de 2019, coordenado pelas professoras Melina Ayres e Fernanda Nascimento, que propunha encontros quinzenais para a discussão de textos de referência na área dos estudos de gênero e análise de produções midiáticas, contou com a participação de estudantes de Jornalismo e de outras graduações da UFSC. Também o projeto “Donas do Placar”, coordenado pelas professoras Leslie Chaves e Fernanda Nascimento, reuniu alunas do curso para a transmissão dos jogos da Copa do Mundo Feminino de 2019. Esta foi a primeira vez que a Rádio Ponto UFSC transmitiu jogos de futebol com uma equipe formada apenas por alunas. Todos estes projetos tiveram grande adesão por parte dos/as estudantes do Curso.

Finalmente vale salientar que, de 2014 até o momento, o corpo docente do curso de Jornalismo vivenciou algumas mudanças. Diversos docentes se aposentaram e foram incorporados ao Departamento novos professores, com perfis e trajetórias bastante distintas. Hoje em dia mais de 50% são mulheres, sendo uma delas a primeira docente negra do curso. Esta nova configuração trouxe à equipe outras discussões, sendo que os estudos de gênero e diversidade ganharam força, tanto que neste semestre de 2020.1 a disciplina passou a fazer parte da grade obrigatória, conforme mencionado na introdução, já na primeira fase do curso, com o nome *Jornalismo, Identidade, Diversidade e Gênero*. Sendo assim, este recorte do estudo de caso da construção da disciplina no curso de Jornalismo da UFSC reforça a máxima do educador Paulo Freire (2011, p. 44), de que “mudar é difícil, mas é possível” e, acrescentamos, é transformador, como um processo constitutivo de nossas identidades, práticas, culturas e aprendizagens e, em especial, serve para revigorar o Jornalismo, tanto no ensino, na pesquisa e na extensão, quanto na atuação profissional.

Referências

AYRES, Melina de la Barrera. Gênero e Jornalismo: Do ensino às páginas do jornal. *In: MEDITSCH, Eduardo; AYRES, Melina de la Barrera; BETTI, Juliana Gobbi; BARCELOS, Marcelo. O ensino de Jornalismo sob as novas Diretrizes*. Miradas sobre projetos em implantação. Florianópolis: Insular, 2018, p. 79 - 96.

BARRENO, Maria Isabel; HORTA, Maria Teresa; VELHO, Maria da Costa. **Novas cartas portuguesas**. Portugal: Dom Quixote, 1972.

BERTASSO, Daiane; NASCIMENTO, Fernanda; GUSTAFSON, Jessica. Jornalismo e gênero: a emergência de uma disciplina e um relato de docência compartilhada. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, n. 2, 2020. [no prelo]

BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BOGADO, Maria. Rua. *In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa. Explosão feminista*. São Paulo: Cia das Letras, 2018, p. 23-42.

BRAGAGNOLO, Regina Ingrid; BARBOSA, Raquel. Diversidade como princípio pedagógico inclusivo. *In: GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina; MAGINI, Pedro Rosa (Orgs.). Livro 2- Módulo II- Gênero, diversidade sexual e religião*. As diferenças de gênero no espaço escolar. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero/ Centro de Filosofia e Ciências Humanas/ UFSC, 2015, p.121-139.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Mulher de papel**: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. 2ª. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CRENSHAW, Kimberle W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. *In: VV.AA. Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, 2004.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Rio de Janeiro: Boitempo, 2016.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 26ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.
FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FRIEDAN, Betty. O problema sem nome [p. 17-31] *In: FRIEDAN, Betty. Mística feminina*. Petrópolis: Vozes, 1971.

GUZZO, Morgani; WOLFF, Cristina Scheibe. Mobilizações feministas e LGBT+ na contemporaneidade: a efervescência dos coletivos na UFSC, em Florianópolis/ SC. *In: CRESCÊNCIO, Cintia Lima; DA SILVA, Janaine Gomes; BRISTOR, Lidia Schneider (orgs.). Histórias de gênero*. São Paulo: Vernona, 2017, pp. 195, 224.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu** 5, 1995.

LOURO, Guacira. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, vol. 19, n.2 (56), p.17-23, maio-ago 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Edição. Petrópolis - RS: Editora Vozes, 1996.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara-pálida? Apontamentos às margens sobre pós- - colonialismos, feminismos e estudos queer. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFS-Car**. São Carlos, v. 2 ,n.2, 2012, p. 395-418.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 2, p. 263-274, jul-dez 2008.

QUANDT, Thorsten. Methods of journalism research- observation. *In*: LÖFFELHOLZ, Martin; WEAVER, David (Orgs.). **Global Journalism research: theories, methods, findings, future**. Oxford: Blackwell, 2008.

RUBIN, Gayle. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. **Cadernos Pagu**, Campinas: Pagu, n. 21, p. 1-88, 2003.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-79, 1995.

VEIGA DA SILVA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo**: modos de produção das notícias. Florianópolis: Insular, 2014.

VEIGA DA SILVA, Marcia. **Saberes para a profissão, sujeitos possíveis**: um olhar sobre a formação universitária dos jornalistas e a implicação dos regimes de saber-poder nas possibilidades de encontro com a alteridade. Tese (Doutorado). Porto Alegre: PPGCOM-UFRGS, 2015.

YIN; Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. São Paulo: Bookman, 2005.